

A catedral

Imortalizada por Victor Hugo em *O corcunda de Notre-Dame*, a catedral permanece nos espíritos como o símbolo da Idade Média cristã. Mas, “igreja de bispo”, a catedral não poderia ser compreendida unicamente através da versão gótica. No entanto, esse clichê não é fortuito...

A igreja catedral deriva seu nome da cátedra, a cadeira solenemente reservada ao bispo e posta no coração do edifício: trata-se portanto da igreja destinada à autoridade episcopal que se estende sobre a diocese. A amplitude dessa circunscrição territorial evoluiu muito. Nos primeiros séculos da cristianização, após a paz da Igreja, as dioceses se confundiram com os territórios das cidades antigas, pelo menos nos espaços romanizados. Assim, era na catedral que os fiéis da cidade e do campo ao seu redor vinham celebrar as grandes festas, durante as quais recebiam um ensinamento do bispo; era também aí que se batizavam os neófitos durante a vigília pascoal. Essas dioceses de pequeno tamanho, ainda numerosas na Itália, existiram no sul da França até a Revolução Francesa. A esse estado de fato correspondeu uma realidade monumental fragmentada entre vários edifícios que os arqueólogos, cujas escavações os revelaram, chamam de “grupo episcopal”: um dos primeiros foi descoberto em Genebra nos anos 1970-1980. Esse conjunto se compunha, em primeiro lugar,

de várias igrejas cujo respectivo uso é mal conhecido: a maior devia servir para as cerimônias solenes; outra era sem dúvida reservada ao clero catedralesco, que assistia ao bispo em suas responsabilidades, para a recitação cotidiana no ofício. Acrescentava-se a elas um batistério, facilmente identificável pelas instalações hidráulicas de que era objeto para possibilitar o batismo por imersão numa pia central. Diversos edifícios civis serviam enfim de local de moradia para o clero, sem contar o prédio da escola e o que servia para acolher os pobres e os doentes, o *xenodochium*. Vale dizer que o nível episcopal de uma cidade se notava facilmente no tecido construído!

Quando a cristianização ganhou regiões menos urbanizadas, o tamanho das dioceses se amplificou consideravelmente, a ponto de tornar impossível uma prática regular na catedral; além disso, o batismo passou a ser dado às crianças já no nascimento. A catedral já não reunia todos os fiéis, que celebravam o culto nas igrejas paroquiais, mais próximas. O bispo, que havia delegado uma parte das suas funções aos vigários dessas paróquias, continuou porém à frente da circunscrição diocesana como a autoridade de referência, rodeado por um clero designado cada vez mais correntemente pelo nome de cônegos, distintos dos monges. Os edifícios religiosos do grupo episcopal fundiram-se progressivamente numa só igreja, a catedral, enquanto as outras construções persistiram, adquirindo amplitude. Os palácios episcopais ganharam em magnificência, abrigando os serviços de uma administração diocesana cada vez mais fornida, que punha algumas das suas repartições a serviço da população, notadamente para a autenticação de atos, nas regiões em que não havia tabelionato. Os cônegos se dotaram de construções adaptadas a seu modo de vida. Conforme as regiões, este revestia um caráter comunitário (cônegos regulares) ou individual, este último autorizando cada um a ter a sua própria casa: o conjunto era repartido em torno da catedral no “bairro canonical”. Esse espaço, que às vezes era fechado e gozava de um estatuto jurídico próprio, ainda é facilmente identificável no plano das cidades. As escolas catedralescas tiveram seu momento de glória nos séculos XI e XII

(Angers, Chartres, Laon, por exemplo), sob a direção de um cônego, mandatário do bispo: o “escolastra”. Quanto aos velhos *xenodochia*, foram substituídos por hospícios mais espaçosos, onde eram recolhidos os pobres e os necessitados.

A função de igreja catedral se transformou, ao passo que o encargo da ação pastoral era assumido pelos vigários de paróquia, aos quais se somaram, a partir do século XIII, os frades mendicantes. Embora continuassem a esperar do bispo que ele pregasse nos dias das festas principais (o que nem todos respeitavam), os reformadores enfatizaram os deveres deste para com o clero diocesano. Diversas circunstâncias proporcionavam ao bispo a oportunidade de manter com “seus” padres o vínculo que unia a “igreja mãe” da diocese (é assim que os textos da época chamam a catedral) e as igrejas filhas das paróquias: as assembleias sinódicas, reunidas com todo rigor duas vezes por ano, para a instrução do clero; a missa crismal, celebrada na quinta-feira santa, no decorrer da qual eram abençoados os óleos que serviam para a administração dos sacramentos (entre eles o santo crisma, para o batismo, donde o nome dessa missa) e de que cada um podia levar um pouco para a sua paróquia, em sinal de comunhão. Observa-se, ademais, que a catedral teve cada vez mais o papel de lugar de memória da identidade diocesana, como atestam a presença entre suas paredes dos túmulos dos bispos e das relíquias das mais ilustres figuras locais, assim como suas tradições litúrgicas, que associavam elementos universais, comuns a todas as Igrejas cristãs, e outros próprios da história da cristianização local: memória dos santos da diocese, comemoração da dedicação da igreja ao fim da sua construção, tradição coral que não havia sido suplantada pelo canto romano imposto por Carlos Magno às igrejas do Império (como o canto ambrosiano para a Igreja de Milão). Um ou outro cônego, consciente desse papel, pôde escrever a história da sua igreja, seja na forma de notas biográficas dos bispos (*Atos dos bispos*), como fizera em Roma o *Liber pontificalis*, seja na forma de relatos mais sintéticos.

Ao contrário das igrejas dos mosteiros ou dos conventos mendicantes, a catedral se apresenta como um edifício compartilha-

do, em que existem vários grupos. Vêm em primeiro lugar os cônegos, que são seus usuários mais regulares. Eles é que são os verdadeiros donos do local, onde organizaram seu coro, isolando-o da animação ambiente por uma divisória, depois, no fim da Idade Média, por um jubeu, e dotando-o de estalas, ornadas às vezes com esculturas dos maiores mestres (Amiens). Depois, o bispo, presente de forma mais passageira e cujos direitos sobre o edifício eram rigorosamente delimitados. Enfim, os fiéis do bairro, para os quais foi preciso encontrar uma paróquia: uma igreja vizinha pôde servir como tal, quando não uma parte bem circunscrita da catedral, uma capela lateral. Alguns raros leigos, em geral poderosos, foram autorizados a deixar sua marca nesse monumento prestigioso, na maioria das vezes construindo uma capela privada com fins funerários.

Nunca será demais repetir que as catedrais ainda de pé no mundo contemporâneo ilustram todos os estilos da arquitetura. Nos países de velha cristianização, esse monumento, que se inscreve por definição na longuíssima duração, foi submetido a numerosas reformas, quando não a reconstruções totais, em consequência de incêndios ou para pôr o edifício em conformidade com o gosto da época. Muito embora o observador francês tenha dificuldade para perceber, houve catedrais românicas, certamente mais bem conservadas em certos países vizinhos, como a Alemanha ou a Itália. Mas não é sem razão que a catedral se confunde em nossas memórias com a arquitetura gótica. Essa nova arte de construir, que apareceu na Île-de-France na segunda metade do século XII e permaneceu em vigor até o Renascimento, correspondeu a uma fase de reconstrução de numerosas igrejas catedralescas. As obras eram suscitadas pela expansão urbana e pelo enriquecimento da população, inclusive do clero, que as financiou amplamente. As corporações canônicas e as corporações da cidade, além dos príncipes, entre eles o rei da França (o novo estilo nasceu no coração do seu reino), puseram nesses edifícios todo o seu orgulho, rivalizando entre si para elevar as abóbadas até alturas vertiginosas. As catedrais góticas, abundantemente iluminadas graças à técnica da cruzaria de ogivas, que per-

mite aliviar as paredes de arrimo e nelas inserir vitrais, foram dotadas de uma decoração esculpida ou pintada em pedra ou em vidro, cuja coerência o historiador da arte Émile Mâle, em sua obra *L'art religieux du XIII^e siècle* [A arte religiosa do século XIII], tentou reconstituir. Exprime-se nela a visão cristã do mundo: uma criação boa, desejada por Deus, em que os elementos minerais, vegetais e animais encontram seu lugar; uma história humana que adquire sentido em relação à Encarnação de Cristo, cuja vida é abundantemente representada em suas correspondências tipológicas com os episódios do Antigo Testamento; na melhor das hipóteses, nos dias de hoje poríamos maior ênfase na importância dada, nesse programa, à história local, estreitamente ligada a essa história universal, por intermédio dos santos representados. Nesse pensamento englobante, tanto quanto no jogo das correspondências entre Antigo e Novo Testamento, assim como nessa arquitetura analítica, em que as forças são subdivididas ao longo das colunetas que compõem os pilares, encontra-se o eco do procedimento intelectual das escolas urbanas e das universidades (Erwin Panofsky): a tipologia cara à exegese medieval, a decomposição escolástica dos problemas em questões sucessivas e a vontade de reunir o saber em Sumas.

Mas a vida das catedrais não parou no fim da Idade Média: reformas e novas decorações aí estão para provar que essas igrejas continuaram a assumir seu papel de guardiãs da memória da diocese, sem deixar de estar presentes em seu tempo.

CATHERINE VINCENT